

# UM REGISTRO ARTIFICIAL DA MEMÓRIA CONTEMPORÂNEA: OS BLOGS<sup>1</sup>

Naiana Pereira de Freitas (PPGLitCult/UFBA)<sup>2</sup>

Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA)<sup>3</sup>

**Resumo:** O tema “memória” tem sido nos últimos tempos objeto de pesquisa em diversas áreas de estudo. Áreas que vão desde o campo da saúde ao campo da cultura. É possível perceber como essa temática é geradora de possibilidades. A partir do século XX, paulatinamente o suporte papel foi sendo substituído pela tela do computador que ampliou a capacidade de reunir lembranças pelo indivíduo em um aparato externo, ao mesmo tempo em que, possibilitou a defasagem gradual da capacidade fisiológica humana de recordar. É neste cenário tecnológico que se busca investigar os novos caminhos tecidos pela memória individual daqueles que labutam com o ofício de escrever. Com as novas tecnologias, os escritores (as) passaram a produzir seus textos em um circuito de autoria, publicação e recepção diferenciado de séculos anteriores, devido à utilização de novas ferramentas como o blog. O objetivo deste texto é discutir em que medida os blogs podem ser uma nova forma de arquivar a memória pessoal e a coletiva, principalmente quando se atrela a esta conjuntura os textos escritos sob o viés de uma autoria feminina. A reunião da memória individual com a força da memória literária, portanto coletiva, ativa uma potência no blog Aeronauta da escritora baiana Ângela Vilma. Assim, a discussão empreendida neste texto considera a memória como um processo que se encontra em constante transformação devido a fatores históricos e/ou sociais e que podem estar tanto no campo individual como no coletivo. A partir das considerações elaboradas por Maurice Halbwachs (1990), Denise Schittine (2004), Luiza Lobo (2007), Lúcia Santaella (2011), Philippe Lejeune (2014) entre outros desenvolveremos este trabalho. Este estudo mostra-se relevante, porque lançará luz sobre questões urgentes no século XXI que são: um olhar sobre a literatura atual produzida por mulheres na Bahia, um estudo sobre o suporte blog e a sua legitimidade dentro do universo acadêmico.

**Palavras-Chave:** Memória. Autoria feminina. Blogs. Ângela Vilma.

---

<sup>1</sup> Este texto é parte integrante do segundo capítulo da dissertação: Por uma lírica além do papel: o traço da memória em Ângela Vilma, defendida em 2016, pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia sob a orientação da professora Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA, Mestra em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia e atualmente doutoranda pelo mesmo programa sob orientação da professora Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira. E-mail: naiana\_freitas@hotmail.com.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras, pela Universidade Católica do Salvador (1989); Especialista em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1997); Mestre em Letras (Literatura Brasileira), pela Universidade Federal da Bahia (1999); Doutora em Letras (Literatura Brasileira), pela Universidade Federal da Bahia (2005). É Professora Adjunta IV do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA).E-mail: nancyrfv@gmail.com.

## AN ARTIFICIAL RECORD OF CONTEMPORARY MEMORY: THE BLOGS

**Abstract:** The theme “memory” has been the object of research in several areas of study in recent times. Areas ranging from the field of health to the field of culture. It is possible to see how this theme generates possibilities. From the 20th century onwards, the paper support was gradually replaced by the computer screen, which expanded the individual's ability to gather memories in an external apparatus, at the same time that it made possible the gradual lag of the human physiological capacity to remember. It is in this technological scenario that we seek to investigate the new paths woven by the individual memory of those who toil with the craft of writing. With new technologies, writers began to produce their texts in a circuit of authorship, publication and reception different from previous centuries, due to the use of new tools such as the blog. The purpose of this text is to discuss the extent to which blogs can be a new way of archiving personal and collective memory, especially when texts written under the bias of a female authorship are linked to this situation. The combination of individual memory with the strength of literary memory, therefore collective, activates a power in the blog *Aeronauta* by Bahian writer Ângela Vilma. Thus, the discussion undertaken in this text considers memory as a process that is in constant transformation due to historical and/or social factors and that can be both in the individual and collective fields. This work was developed based on the considerations made by Maurice Halbwachs (1990), Denise Schittine (2004), Luiza Lobo (2007), Lúcia Santaella (2011), Philippe Lejeune (2014), among others. Therefore, this study proves to be relevant, because it will shed light on urgent issues in the 21st century, which are: a look at the current literature produced by women in Bahia, a study on blog support and its legitimacy within the academic universe.

**Keywords:** Memory. Female authorship. Blogs. Ângela Vilma.

### Introdução

Em uma postagem publicada no *blog Aeronauta*<sup>4</sup>, em 22 de outubro de 2011, a escritora Ângela Vilma<sup>5</sup> versa sobre a representação da memória

---

<sup>4</sup> O *blog Aeronauta* surgiu em 2007 no Blogger. com. Em 2015, o *blog* apresentava apenas três postagens durante o mês de abril. Este rareamento de postagens advém do “enfraquecimento” da ferramenta *blog* no Brasil, a partir da popularização das redes sociais, como o Facebook, que em 2013 alcançou a marca de 76 milhões de usuários brasileiros conforme Rafael Sbarai (2003). Nos últimos anos Ângela Vilma tem concentrado as suas postagens em seu perfil no Instagram que conta com 1878 seguidores. O livro

durante a época do Renascimento. Segundo a autora, nesse período, a memória se assemelhava à figura de um cão fiel e melancólico, sempre a seguir o seu dono. Nesse texto, a poetisa, ao expor algumas situações vividas por ela na infância, como a dor que sentiu no dedo do pé, o sol queimando a face e a lembrança das mãos de seu pai, estabelece uma relação entre memória e sentidos, invocando implicitamente a célebre formulação proustiana sobre a memória involuntária, na qual, segundo o raciocínio de Marcel Proust (1992), é aquela que pode ser considerada como uma espécie de manancial criativo para os artistas que lidam com a linguagem. Para Marcel Proust (1992) é a partir da memória involuntária<sup>6</sup> que o escritor se apossa da liberdade criativa em maior grau, já que, livre das amarras sociais, busca vencer o tempo cronológico e encontrar-se consigo mesmo.

Esta publicação de título “o cão”<sup>7</sup> apresenta, em certa medida, a realização da função da memória na vida da escritora<sup>8</sup>. Pois, é a partir dos

---

*Aeronauta* publicado em 2020 é uma homenagem ao *blog* de mesmo nome, visto que é composto por crônicas postadas pela escritora neste espaço digital.

<sup>5</sup> Nasceu na cidade de Andaraí (BA) em 10 de novembro de 1967. Desde 2010, leciona em regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na cidade de Amargosa/BA. Como escritora, já publicou livros de poesia e contos no mercado editorial baiano tanto em obras individuais como em coletâneas, como por exemplo, *Beira-vida* (1990); *Poemas escritos na pedra* (1994); *A casa* (1997); *Ela, João e o Terno* (1998); *Poemas para Antônio* (2010), *A solidão mais funda* (2016) e *Aeronauta* (2020). E fez parte das coletâneas: *Sete Faces* (1996), *Figuras contínuas* (2000), *Concerto lírico a quinze vozes* (2004) e *Tanta Poesia* (2006). A escritora mantém o *blog* *Aeronauta*, desde 2007.

<sup>6</sup> De acordo com Fernando Py (1992), a memória postulada por Proust configura-se para além da captura de imagens, como em Agostinho, mas, busca explorar as sensações produzidas pelas imagens em determinado tempo passado. O escritor francês conceitua a memória involuntária a partir da narração de um acontecimento lembrado pelo narrador já adulto, através da experimentação de saborosos bolinhos doces franceses chamados de madeleine. A memória involuntária é trazida à superfície sensível através de algum episódio exterior que promove um estímulo e aproxima o passado e o presente. Por isto, a memória é atemporal e, ao mesmo tempo, mola propulsora do tempo dentro da prosa ou da poesia. O tempo neste caso é entendido como aquele que está fora de ordem, fora da história. A memória involuntária se diferencia daquela chamada de memória inteligente ou voluntária, porque, enquanto a primeira traz a lembrança sensações, sentimentos de um momento fugidio no passado, a segunda apenas armazena os dados e fatos. A memória involuntária promove o encontro de si mesmo com um passado longínquo, restabelecendo uma experiência que cronologicamente seria impossível de ser vivida novamente. A memória involuntária expõe o que está escondido da consciência vigilante. Neste caso, a lembrança necessita estar coberta por camadas das quais nem mesmo o escritor conhece. Por isto, ela alça o escritor ao encontro de si mesmo no momento em que é localizada. E este encontro gera a ruptura com o tempo e com a morte.

<sup>7</sup> Em geral os títulos das postagens no *blog* *Aeronauta* apresentam-se em letras minúsculas.

<sup>8</sup> A dissertação *Por uma lírica além do papel: o traço da memória em Ângela Vilma* (2016) verificou como a “memória” é um traço importante para a elaboração da poesia, publicada no *blog* *Aeronauta*, durante o ano de 2012, produzida pela escritora baiana Ângela Vilma. De um *corpus* de 34 poemas postados,

sentidos, que a memória é reestabelecida pela autora. O acesso a esse campo movediço, chamado memória pessoal, torna possível criar e recriar a partir da perspectiva de cada artista o vivenciado, como uma forma de sobreviver aos efeitos do tempo. Em dois momentos do texto, Ângela Vilma se pergunta o que fazer com essa memória “[...] que não insiste em morrer?” (VILMA, 22 out. 2011). Nas postagens do *blog*, é possível perceber uma espécie de resposta a esta pergunta.

Maurice Halbwachs (1990) afirma que as lembranças do passado se assentam em dois dados, os que são fáceis de recordar pela insistência da vontade e os que, de alguma forma, possuem seu acesso impossibilitado devido alguma limitação que desconhecemos. Para ele, as memórias voluntariamente lembradas pertencem ao conjunto social, ou, nas suas palavras pertencem a “todo o mundo” (HALBWACHS, 1990, p. 34), por outro lado, aquelas de difícil acesso devem-se ao fato de pertencerem a um espaço mais limitado de recordações, caracterizado por um único indivíduo. Nas postagens ao longo do *blog*, é interessante observar a profusão de memórias que ora tendem para o campo individual, ora para o espaço coletivo. Neste caso, não é o outro que se busca com as lembranças, mas sim a si mesmo, a representação enquanto escritora que se serve das palavras em busca de uma linhagem literária para tornar-se membro.

O medo de esquecer faz com que os blogueiros (as) registrem todos os momentos vividos por eles (as) nos suportes tecnológicos disponíveis, como nos *blogs* (atualmente este processo de arquivamento pode ser observado também nas redes sociais). No exercício de acumular informações sobre si em suportes tecnológicos, o indivíduo acredita estar controlando a sua capacidade de recordar, mas de fato está relegando a sua habilidade memorativa a uma memória artificial. Neste contexto, o advento do computador possibilitou o arquivamento das memórias pessoais em páginas

---

durante o referido ano, foram selecionados quatro poemas para serem analisados pela ótica da presença da memória. Em linhas gerais, estes poemas evocam ora moderada, ora amplificada a importância dos fios da memória para tecer as urdiduras do poema. É importante ressaltar como a escritora reinventa-se por meio da palavra, recorrendo às interseções entre a literatura e o cotidiano, e simultaneamente, alcançando a memória individual como elemento relevante para a escrita dos textos, tanto em prosa quanto em verso no *blog*.

na internet que, na medida em que são publicadas na rede, tornam-se parte da memória coletiva. Para Denise Schittine (2004, p. 127-128),

[...] Porque essa página é virtual, continuada, permite abarcar desde histórias interessantes contadas pelos leitores até impressões do diarista dos seus sonhos, comentários sobre os filmes que viu e a descrição do último encontro que teve. É fragmentária porque é também coletiva, inclui atribuições não só do diarista como também de seus leitores. É um arquivo pessoal e plural e, por isso, uma memória individual e também coletiva.

Assim, o *blog* caracteriza-se por possuir um caráter contínuo, já que permite ser elaborado a partir do prisma do leitor e do autor. Cada qual a seu modo emite contribuições, possibilitando ao texto produzido nos *blogs* um começo sem fim. Por sua vez, este prolongamento não garante uma unidade do que está sendo discutido, pois é elaborado por um conjunto de sujeitos cada qual com as suas particularidades. Por isso, pode ser considerado um objeto que pertence aos dois mundos do pessoal e do plural como aponta a pesquisadora. Pois, simultaneamente, invoca a solidão e o silêncio do autor em seu espaço privado e também, chama a companhia e o barulho dos leitores que estão do outro lado da tela comentando.

### **Do manuscrito ao digital: os registros de memória de autoria feminina**

Antigas questões circunscritas aos diários estão presentes nas “cadernetas” virtuais. Hoje, com os *blogs*, é possível observar como o relato cotidiano da diarista está entregue a um circuito de dissipação do eu, mais do que a um processo de interiorização do sujeito. Mesmo neste processo inverso, ainda é possível perceber como a memória assume um grau de importância nas postagens dos blogueiros, especialmente nos textos de autoria feminina.

Para Denise Schittine (2004), elementos dos antigos diários reaparecem no *blog* virtual. Como por exemplo, a memória, o segredo (relatar ou não a intimidade a um terceiro), a tensão entre o espaço público e privado e a relação da escrita com a ficção e com o jornalismo. Neste momento, o interessante é tratar da função da memória presente no *blog Aeronauta*

verificando como este *blog* pode ser considerado uma nova forma de arquivar a memória pessoal e a coletiva.

Na postagem de título “Isso não é um diário” (2009), Ângela Vilma versa sobre a tendência à ficção nas postagens publicadas no *blog*, logo chama atenção do leitor para que ele não acredite na veracidade dos textos lidos, afirmando que o *blog* não é um diário, nem tampouco uma autobiografia. Contudo, o estudo dos textos do *Aeronauta* pautados pelo viés da autobiografia seria produtivo, visto que, em geral, os textos publicados se acomodam bem com esse arcabouço teórico. A fim de elucidar esta possibilidade, pode-se abrir uma breve discussão acerca deste assunto que, no *blog*, alcança enorme absorção. Com a palavra a escritora,

[...] Nunca pensem ser tudo o que escrevo uma tentativa de autobiografia. Há muita mentira no que conto. Minto, sim, descaradamente, para que minha vida não seja tão cinza. Quero que vocês fiquem sabendo disso para que eu possa me sentir mais à vontade com as várias personas, com as várias narradoras, com os diversos eu líricos, com as mais insuspeitadas mentiras que tenho vontade de contar (VILMA, 11 abr. 2009).

É perceptível nesta publicação um entrelaçamento entre a vida real da autora, a narradora e das personagens. Aproximando os textos postados à definição de autobiografia proposta por Philippe Lejeune (2014), que a define como uma narrativa realizada por um sujeito “real”, sobre a sua passada experiência de vida. O teórico estabelece esta definição de autobiografia a partir do uso características como: linguagem em prosa, representada pela tipologia textual narrativa, cujo tema desenvolvido, compreende as experiências vividas por um sujeito e o entrelaçamento entre a identidade do autor e o narrador, como também, a identificação entre o narrador e a personagem. Em geral, a narrativa é contada a partir de um ponto de vista retrospectivo.

A partir do exposto, o teórico aponta que a autobiografia<sup>9</sup> está compreendida no campo da prosa, possuindo como assunto a vida pessoal de um sujeito que simultaneamente atrela a sua existência três papéis fundamentais: autor, narrador e personagem. A reunião em um mesmo palco destes atores define na concepção do teórico uma autobiografia. A definição de pacto autobiográfico funciona como uma espécie de contrato prévio de leitura estabelecido entre o autor e o leitor. Esse “modo de leitura” só fará sentido após a publicação do texto conforme elucida Philippe Lejeune (2014, p. 53-54)

A problemática da autobiografia aqui proposta não está, pois, fundamentada na relação, estabelecida de fora, entre a referência extratextual e o texto. [...] Ela tão pouco está fundamentada na análise interna do funcionamento do texto, da estrutura ou dos aspectos do texto publicado, mas sim em uma análise, empreendida a partir de um enfoque global da publicação, do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto e engendra os efeitos que, atribuídos ao texto, nos parece defini-lo como autobiografia.

Ainda conforme o teórico francês, é necessário que incidam sobre o texto determinados padrões de comportamento em relação ao narrador, personagem, autor em uma narrativa com o propósito de caracterizar o texto como uma autobiografia. Para isto, desenvolve o conceito de “pacto autobiográfico”, para definir de maneira mais clara o que seja uma autobiografia. Nesta definição, o autor emite implicitamente informações indicando que ele é também o personagem da narrativa, ou o nome do personagem pode evidenciar o nome do autor ou ainda, ao longo do texto, algumas pistas reiteram que o autor e o narrador são os mesmos. Em suma,

---

<sup>9</sup> Philippe Lejeune (2014) define autobiografia como uma narrativa realizada por um sujeito “real”, sobre a sua passada experiência de vida. O teórico estabelece esta definição a partir do uso características como: linguagem em prosa, representada pela tipologia textual narrativa, cujo tema desenvolvido, compreende as experiências vividas por um sujeito e o entrelaçamento entre a identidade do autor e o narrador, como também, a identificação entre o narrador e a personagem. Em geral, a narrativa é contada a partir de um ponto de vista retrospectivo.

pode-se também perceber a semelhança de “identidades” sem nenhuma marca explícita ou subentendida sobre esta relação.

Constata-se no fragmento abaixo à utilização do recurso da ironia como uma forma de questionar os valores relacionados à escrita de autoria feminina. A autora informa explicitamente que apesar de ser uma mulher o *blog* de sua autoria não se configura como uma instância que emite mensagens apenas para mulheres, ou com suas palavras “um diário da Lulu”. Como já foi dito, em capítulo anterior, ao associar características da literatura em suas postagens à escritora esquiva-se da segmentação literária, ou seja, seu *blog* é um espaço que permite a confluência de um diversificado público. Como se verifica no trecho abaixo,

[...] Sei que muita gente que me lê nesse blogue não me conhece pessoalmente. Isso não faz diferença: tenho vergonha, uma vergonha contínua. Sou uma mulher, já sem tranças no cabelo há muito tempo. E estou exposta. Claro, por vontade própria, mas exposta. Por isso preciso da cumplicidade literária: para me livrar do peso da confissão. Acreditem: nem tudo que eu conto aconteceu de fato. Uso um adorno, uma virgulazinha a mais, uma metáfora mais límpida ou mais cruel, ao meu gosto, que isso aqui nunca vai ser o diário da Lulu (VILMA, 11 abr. 2009).

Nesta passagem, algumas revelações chamam atenção do leitor, são elas: o desconhecimento por parte do público da “pessoa” Ângela Vilma, a declaração de que é uma mulher por trás da escrita, a exposição ou a “superexposição” da intimidade que é revelada a terceiros e, principalmente, a busca por abrigo na ficção para assim tornar a escrita mais livre das amarras sociais. Dito isto, pode-se notar como se estabelece o jogo entre leitor, autor, e personagem no circuito denominado de pacto autobiográfico. O gênero textual autobiografia condensa todos os elementos necessários para o estabelecimento de uma identidade entre o autor, personagem central e narrador.

De acordo com Lourdes Kaminski Alves e José Carlos da Costa (2010), Philippe Lejeune assegura que a memória e autobiografia estavam inseridas em um contexto exterior à literatura, entretanto, com o passar do

tempo, estas duas conceituações, gradativamente, passaram a ser incluídas no contexto da produção literária. A autobiografia simultaneamente projeta no texto duas dimensões: a ficcional e a real. A ação destes dois polos, dentro de uma narrativa autobiográfica, tende a compreender a experiência real como memória. Mas, neste caso, a rememoração é fruto de uma leitura presente sobre um passado, logo esta escrita já está maculada por um olhar de um sujeito que se reinventa.

Ainda a respeito da postagem “Isso não é um diário” (2009), é possível observar a capacidade de reinventar-se por meio da palavra. O sujeito feminino escreve fazendo interseções entre a literatura e a vida cotidiana. A memória individual assume relevância nos textos, já que é por meio desta memória que se tecem considerações ora engraçadas, ora dramáticas sobre os episódios familiares expostos no *Aeronauta*. Como se nota abaixo:

[...] Minha vida é sem graça, essa é que é a grande verdade. Não acontece nada de interessante, a não ser um ou dois livros que leio durante o dia, entre um tédio e uma amargura. Sei que vocês não gostam de ler coisas tristes, principalmente num blogue, algo feito para distrair e amenizar. De vez em quando, prometo, trarei um ou dois casos da parentalha e vocês rebolarão no chão de tanto rir. Mas só de vez em quando. Porque não posso mentir sempre. Não posso. Mas minto. Olhem só que paradoxo. É isso, sou um paradoxo, palavra bonita e besta demais, talvez ela me salve (VILMA, 11 abr. 2009).

A palavra “paradoxo” usada pela autora no trecho acima, pode classificar a própria constituição do suporte *blog*. Para Luiza Lobo (2007), o *blog* assume, em sua formatação, uma espécie de contradição uma vez que, simultaneamente, abriga a “intimidade” de um eu que deixa de ser íntima, pois se torna objeto de domínio público, ou seja, pertencente a milhares de seguidores. Desta forma, o íntimo está entre o espaço da casa e simultaneamente da rua. Segundo a pesquisadora o suporte *blog* “[...] Trata-se, na verdade, de um novo tipo de linguagem, categoria que denominarei de público-privado, a qual supera a simples dicotomia dos dois polos” (LOBO, 2007, p. 50).

Na alteração do papel para a tela, a atividade de escrita passa do campo privado para o âmbito público. Por essa razão, é importante fazer uma breve digressão a constituição do diário em papel, para assim, observar como as esferas, público e privada, operavam durante a produção das memórias pelas mulheres em seus diários. O binômio, memória e subjetividade, tornou-se material de escrita para a produção literária tanto de mulheres como de homens. Para as mulheres, o recurso da memória ganhou contornos mais significativos, porque, a partir desse aparato, elas puderam sair do espaço privado e ir ao encontro do espaço público. Como assinala Michelle Perrot (1989), as mulheres mantiveram, ao longo do tempo, práticas que permitiram reter na memória os acontecimentos por elas vividos, seja na difusão de narrativas orais, seja através da escrita em seus diários íntimos.

A função de cronistas do lar estava permeada por algumas limitações, dentre a principal, o cuidado de não se dizer tudo, o excesso de intimidade era tratado pela sociedade como ausência de decoro e presença de devassidão. É por isso que “a adesão ao silêncio” promovido pela sociedade do século XIX, como expõe Michelle Perrot (1989), foi amplamente executado pelas mulheres que escreviam através da autodestruição de seus textos. É importante assinalar como o circuito de autoria feminina no século XIX configurava-se a partir de uma ótica centrada em uma motivação para escrita voltada para o relato da história familiar, cuja via de acesso era o exercício da memória individual, ou seja, memória privada<sup>10</sup>. Em conformidade com Michelle Perrot (1989, p. 15),

---

<sup>10</sup> Jürgen Habermas (1984) elabora uma trajetória dos termos “público” e “privado”. Estas duas noções tiveram origem na sociedade grega que separava rigidamente “a esfera da pólis” (pública,) comum aos cidadãos livres e a esfera da casa (privada) relacionada ao poder conferido aos senhores em sua propriedade. O reconhecimento da função social do cidadão na esfera pública estava relacionado ao seu desempenho na esfera privada, ou seja, quanto mais as atividades da casa, como o gerenciamento dos escravos, dos filhos e da esposa estivessem em ordem mais notoriedade “o senhor da casa” alcançaria no contexto social da pólis. As noções de público e privado foram transmitidas ao Ocidente por meio dos romanos. Na idade média, essa relação de oposição entre as duas esferas não é bem definida. É a partir do século XVIII, com o surgimento de um embrionário capitalismo que a sociedade burguesa estabelece os moldes de uma nova ordem social propiciando a definição moderna da esfera pública. Esta organização produz uma alteração cultural na vida em sociedade, já que se estabelecem os espaços de circulação do coletivo e do pessoal. É relevante observar que o conceito de privado/público alterou-se ainda mais com o advento da pós-modernidade com suas novas tecnologias de percepção da realidade. Como assegura Denise Schittine (2004) o computador e as suas ferramentas tecnológicas possibilitaram o

[...] os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. [...] é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. Às mulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear um livro de fotografias, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem. Às mulheres, o culto aos mortos e o cuidado dos túmulos, pois é de sua incumbência o cuidado das sepulturas.

Para Michelle Perrot (1989), os exercícios de memória feminina podem ser considerados como verbo, devido ao exercício do relato por meio da oralidade de acontecimentos nas sociedades tradicionais. No século XIX, esta forma de memória é deixada de lado em consequência do desenvolvimento da memória em forma de escrita. Entretanto, é possível pensar que paulatinamente ocorre a substituição do texto oral para o texto escrito, logo, o gradual afastamento das mulheres da produção destas narrativas. Ainda segundo a teórica francesa, é uma memória trajada, no sentido em que a moda educa o processo da lembrança. Com o alvorecer do século XIX, os trajés evidenciavam o que devia ser lembrado ou esquecido pelas mulheres. Estes dois modos de registros de memória desembocam na atividade escrita em um tom em geral informal, mas com acentuado teor de memorialismo. É possível pensar como estes textos foram importantes para a reflexão do passado e registro do cotidiano das mulheres através do tempo. De acordo com Suely Kofes e Adriana Piscitelli (1997, p. 347),

[...] Nas memórias, as lembranças pessoais são reconstruídas a partir de um presente que é social uma vez que, para o autor, a lembrança pessoal está situada na encruzilhada de redes de solidariedade múltiplas com as

---

desdobramento do tempo privado do indivíduo, ou seja, o usuário em seu computador pessoal pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, esta simultaneidade de ações garante ao sujeito o pertencer as duas esferas sem prejuízo algum.

quais os indivíduos estão comprometidos. Mas se essas reconstruções falam de um presente que estabelece limites para as lembranças e que as molda continuamente dando a elas novas formas, as lembranças também falam do passado.

Os registros de memória para as mulheres, em seus diários, possibilitaram uma escrita legitimada pela sociedade, que reconhecia esses livros como inofensivos. E assim, na medida em que se apropriavam de instrução as mulheres passaram a narrar suas trajetórias a partir do seu ponto de vista. Nesta perspectiva, a condição feminina é explicitada em suas rememorações. Nestes registros testemunhais, o retorno ao passado torna-se proveitoso, pois, neste ponto, a temporalidade pode ser reinventada. Seja por acreditar em falhas da memória, ou por tais relatos estarem em desacordo com a sua reflexão presente.

De acordo com Michelle Perrot (1989), o recurso de escrever em diários íntimos era recomendado a jovens solteiras por confessores no século XIX com a finalidade de exercitar um controle sobre os atos femininos. Atualmente, esse exercício não visa ao controle social e não se encontra restrito ao espaço da casa. Ele avança para a escrita nos “diários virtuais” alterando o conceito de privado. Nas palavras de Luiza Lobo (2007), no espaço virtual, as mulheres puderam romper com o processo de escrita linear produzida nos diários íntimos tradicionais, reagir contra posições patriarcais e também assumir uma voz dialógica com o eu e o mundo a sua volta. Essa nova configuração possibilitou ainda um novo espaço de circulação para a escrita de autoria feminina.

No século XX, os registros de memória continuam a ser exercitados pelas escritoras, agora com a ajuda de uma nova ferramenta, o *blog*. Eles projetam a intimidade para um público crescente que busca o encontro consigo mesmo na leitura dos textos pelas escritoras. Não é por acaso que a escritora em estudo, ao publicar um texto que nega a existência de um diário virtual em seu *blog*, ao mesmo tempo estabelece uma ponte entre este suporte e o diário manuscrito. Por exemplo, na postagem “Isso não é um diário” (2009), a escritora expõe a fotografia de um diário à moda do século XIX, estabelecendo assim uma relação entre o espaço de escrita do *blog* e o diário à

mão. É certo que a escrita íntima de autoria feminina exposta no *blog* Aeronauta obedece a funções diferentes daquelas que existiam nos diários tradicionais. De acordo com Luiza Lobo (2007, p. 17), as blogueiras não visam mais a desenhar o passado com eloquência, já que o próprio momento histórico vivido impede essa recuperação, mas busca-se no *blog* tornar a escrita plural e não linear como antigamente.

[...] Não há tempo nem vontade para traçar um longo histórico de vida que recupere o passado, no período pós-moderno em que vivemos. Esse era o anseio da era do manuscrito em papel em que a escritora se comunicava consigo mesma, num monólogo narcisístico e especular, ainda derivado do sentido quase religioso da escrita. Cada escritora vivia em seu próprio mundo, isolada dos outros; dessa forma, era a única narradora e única receptora no momento da escrita e seu discurso revertia para si própria. O processo da escrita obedecia a um efeito linear e especular, no máximo dialógico nos diários tradicionais das mulheres.

No estudo do *blog* da escritora Ângela Vilma, é visível a ampliação do espaço de circulação do gênero confessional, pois seus textos em suporte virtual obedecem à organização de diários, são datados, descrevem situações cotidianas, relatam a infância e a mocidade. Além disso, Ângela Vilma relata ações ocorridas com pessoas de sua família, como os pais, irmã, avô e amigos próximos. Exibe também fotografias suas e de terceiros, cartas trocadas entre a mãe e irmã.

Quando as lembranças avançam para o período de tempo da infância, Ângela Vilma afirma-se enquanto sujeito. No sentido em que escreve um discurso já dito sobre si para si mesmo e para os leitores do *blog*. No texto “Série espanto” (2008) a escritora traz uma fotografia ainda bebê e narra uma possível explicação para a sua aparência física. Ela confere a uma terceira pessoa do discurso a informação relatada. Como se vê no trecho: “[...] A cara redonda sempre foi explicada por mãe: nasci em madrugada de lua cheia. Signo escorpião. Ascendente libra. Veneno em doses equilibradas” (VILMA, 7 out. 2008). Verifica-se assim a relação entre a memória individual e a coletiva que será discutida mais adiante. Em outro texto intitulado “Minha irmã”

(VILMA, 9 out. 2007), nota-se o relato de uma situação ocorrida no passado na vida da escritora e uma reflexão da adulta frente à criança,

[...] Hoje como eu gosto de ser irmã dela. Nós temos um passado em comum. A mesma casa antiga guardada na memória. O mesmo pai e a mesma mãe. O mesmo linguajar. Só continuamos muitíssimo diferentes, claro. Mas isso não impede que a gente se goste e dê boas risadas juntas lembrando nossa infância. E que eu jamais esqueça a maior declaração de amor que ela me fez: aos sete anos, ao saber que eu ia viajar para Salvador em razão de uma hepatite, ela foi se despedir de mim e me deu aquilo que mais estimava na vida: um copinho de alumínio com seu nome gravado.

Verifica-se que a prática de escrita de autoria feminina alterou-se com os novos espaços de publicação e circulação de textos. Se, no século XIX, havia a predominância de um pacto de silêncio travado entre a escrevente/diarista e sua produção ao olhar de terceiros, no século XX, com os *blogs*, ocorre um rompimento com esse paradigma. Em geral, as escritoras mantêm um *blog* para projetar uma embrionária carreira literária, expor seu ponto de vista e de certa forma, conseguir um espaço enquanto produtoras de cultura. Em comum, tanto em diários privados quanto em *blogs* públicos, o registro da memória por mulheres, conforme Angélica Soares (2009) projeta o involuntário, a identidade, a imaginação e o esquecimento, pois, neste exercício de escrita, ocorre o reconhecimento de sua identidade, enquanto sujeito participante de um contexto social mais amplo.

Conforme Philippe Lejeune (2014) foi a partir do século XVIII que o indivíduo passou a utilizar o suporte diário em seu benefício. No sentido em que as pessoas passaram a registrar neste suporte os acontecimentos ocorridos durante sua vida, com o objetivo de reter na memória os acontecimentos, em outros casos sobreviver às incertezas provindas em relação ao presente (momento em que se escreve) e futuro, e também se libertar das impossibilidades sociais de se expressar como se deseja. É por meio do diário que o diarista pode organizar os resquícios de sua memória tornando sua vida possível de ser narrada. Nesta direção, “[...] O diário será ao

mesmo tempo arquivo e ação, “disco rígido” e memória viva” (LEJEUNE, 2014, p. 302).

O diarista desabafa, tornando o diário o cúmplice de sua vida. O papel torna-se seu confidente perante as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. De acordo com Philippe Lejeune (2014, p. 303) “[...] O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real. Ele contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual.” Neste caso, a postagem “Isso não é um diário” (2009) cumpre esse papel, uma vez que a escritora, ao escrever em seu espaço virtual, busca recuperar o seu equilíbrio pessoal diante do desespero do mundo. Segundo Ângela Vilma (2009), “[...] Portanto não acreditem em qualquer segredo; é mentira, não tenho segredo; crio apenas, nesse momento, um enredo, um engodo, para distrair minha vida do mais completo desespero” (VILMA, 11 abr. 2009).

Escreve-se um diário com o intuito de sobreviver às intempéries do tempo, ao esvaecimento do futuro que se aproxima, com suas incertezas. Para Philippe Lejeune (2014), é nele que na posteridade se espera encontrar alguma informação acerca de algum episódio relacionado à memória íntima do indivíduo e pouco no que diz respeito à memória coletiva. À medida que o tempo passa o que está contido em um diário passa ser ainda mais valioso. Por outro lado, escreve-se um *blog* a fim de expressar o desejo de ser lido por terceiros, bem como tornar pública a sua vaidade e deixar os seus escritos para ser lidos em um futuro próximo como afirma Denise Schittine (2004).

Na “tentativa de guardar o presente”, o gênero textual *blog* surge no século XX<sup>11</sup>, remontando em espaço virtual as características comuns aos diários e também, as memórias. Em meio a esta atmosfera, o exercício de escrever sobre si mesmo torna-se importante, já que é, por meio desse dizer de si, que os textos confessionais se caracterizam. Com alguma ressalva, pois a confissão agora é percebida como um objeto que pertence ao espaço público. Philippe Lejeune (2014) desenvolve considerações acerca da constituição do diário manuscrito e as transformações ocorridas no “diário virtual”. Ele

---

<sup>11</sup> Conforme Fabiana Komesu (2004).

estabelece as funções presentes em um diário como: desabafar, comunicar, refletir sobre a passagem do tempo e principalmente sentir o prazer em escrever. Antes de prosseguir, nesta discussão, ele afirma que o diário é composto por uma série de marcas que delimitam o tempo através de uma alusão a determinados “vestígios” que buscam fixar o momento em que ocorreu aquele determinado episódio relatado.

O *blog* Aeronauta se constitui como uma reunião de elementos que desvelam o íntimo do sujeito que escreve como também reinventa essa intimidade por meio da escrita. É através da escrita que a blogueira pode refletir sobre os caminhos seguidos na vida, o *blog* pode contribuir para o estabelecimento de uma ideia positiva sobre si mesmo. Estabelecendo assim uma relação entre a escrita nos seculares diários com o *blog*. No diário, o escrevente pode desenhar uma imagem de si mesmo, assim como no *blog*. A semelhança entre os dois espaços é que a imagem de quem escreve está sempre inacabada, a diferença é que, com a ferramenta virtual, o escrevente pode descartar com um *click* a sua representação. Ambos se coadunam pela aventura de permitir a expressão escrita dos envolvidos. Conforme Philippe Lejeune (2014, p. 304) aponta no trecho a seguir,

[...] No diário, o autorretrato nada tem de definitivo, e a atenção dada a si está sempre sujeita a desmentidos futuros. A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração ainda mais que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir.

O diário em papel é um objeto único, através do traço escrito, o diarista tem acesso às impressões relatadas naquele dia, aos recortes, como um verdadeiro arquivo pessoal e intransponível. Pode ser que o diarista não volte a folhear estes escritos, mas conscientemente sabe que pode resgatá-los quando for desejado. Como afirma Denise Schittine (2004, p. 133), “[...] Todos estes fragmentos fazem parte da memória e, mesmo que o diarista nunca mais pegue estes escritos para folhear e reler, ele sabe que, de uma forma ou de outra, eles estão lá, que existem e fazem parte de seu arquivo pessoal”.

Do ponto de vista da pesquisadora, pode-se dizer, portanto, que o processo de construção da memória em meio virtual obedece a alguns parâmetros como, por exemplo, o leitor do *blog* torna-se responsável por manter a memória do blogueiro viva. Apesar de estas memórias estarem disponíveis aos internautas, elas possuem também um momento de duração na rede, visto que, a efemeridade e velocidade das informações na rede é uma constante. É, em meio a este paradoxo de poder guardar memórias infinitamente e ao mesmo tempo esquecer-se delas, que o computador se tornou herói e vilão neste século XXI.

Neste contexto, a memória é para o sujeito contemporâneo elemento de importância a ponto de este buscar mecanismos para mantê-la viva. Dentre estas ferramentas destaca-se a escrita íntima, em um novo formato, o digital. Sem descartar por completo o formato antigo, o diário manuscrito. Pode-se pensar que ambos os recursos tanto em tela quanto em papel podem ser considerados como um “condutor da memória” (SCHITTINE, 2004, p. 117), embora, cada qual conserve a sua especificidade. A teórica argumenta que o “diário virtual” na internet apesar de ter a sua disposição uma capacidade infinita de arquivamento, apresenta algumas situações que limitam a memória individual dos blogueiros. Neste particular, a pesquisadora afirma “[...] Se, por um lado, o computador oferece a possibilidade de publicação e eternização do que se escreve, por outro ele dificulta a permanência destes escritos em virtude de seus dispositivos, quase sempre falhos de memória” (SCHITTINE, 2004, p. 118).

O que se percebe no contexto virtual é que a memória cada vez mais se torna efêmera, instantânea. A tarefa de registrar em uma página virtual os acontecimentos torna possível pensar a possibilidade de fixar a existência do indivíduo no mundo. Neste exercício o blogueiro pode controlar o tempo, as possíveis lacunas em sua memória, transformar o *blog* em um imenso arquivo pronto para as missivas tanto do autor como do leitor. Talvez a grande alteração que se estabeleça entre a relação da memória e a escrita na internet é a busca, por parte do autor/autora, de reter não mais o passado, mas sim o presente. O indivíduo, diante de uma memória cada vez mais fragmentada, luta para guardar o presente que instantaneamente se esvai.

[...] uma memória em forma de mosaico, de quebra-cabeça, um labirinto onde ele sempre se perde. Então ele cria uma série de mecanismos de defesa, de maneiras de guardar estes fragmentos flutuantes logo suplantados por outros novos. É uma luta para fixar o tempo presente, não mais o passado (SHITTINE, 2004, p. 122).

Neste momento é possível pensar na relação entre o desejo de guardar o presente e uma das características da literatura contemporânea apontadas por Beatriz Resende (2008) e por Karl Erik Schollhammer (2009): a presentificação. Ela defende que o presente clama para ser percebido de diversas formas, seja pelo excesso de violência, seja pela experimentação na linguagem. Este excesso de presentificação na literatura contemporânea é um indício da crise da modernidade, que passou a considerar o futuro como uma descontinuidade. De acordo com os pesquisadores, esta presentificação é acompanhada por atitudes entre elas, a participação no cenário literário de escritores da periferia, criação de novas editoras para a publicação e a difusão dos *blogs*.

Passa-se agora a discutir a construção da memória individual dentro de uma conjuntura coletiva, nos *blogs*. Enquanto nos “diários íntimos”, a memória pessoal estava encerrada em si mesmo, sem interferências de terceiros, prontos para a leitura posterior de seu autor/autora. Por outro lado, o que ocorre com a memória pessoal nos *blogs* é a urgência de arquivar o que for possível de sua vida cotidiana devido ao medo de esquecer. Desta forma, o trabalho de recordar ficou a cargo de uma máquina, ao mesmo tempo, em que essa memória pessoal se caracteriza pelas intercessões da memória de outros, neste caso, dos leitores que interagem com as postagens publicadas pelos blogueiros. Como já foi dito por Denise Schittine (2004, p. 130): “[...] São leitores participando, fazendo comentários on-line, estabelecendo *links* entre a vida do diarista e suas próprias vidas. As conexões entre os blogs fazem deles, muitas vezes, um diário íntimo coletivo”.

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a memória individual é caracterizada por conter elementos que ora fazem parte de uma memória plural, ora de uma memória singular. Verifica-se que o *blog* em estudo se constitui a partir deste pilar, visto que a perspectiva pessoal da escritora é

publicada, logo após os leitores acrescentam o seu ponto de vista e todo esse processo é realizado dentro de contexto sociolinguístico comum a ambos os participantes. Esta conversa entre a blogueira e seus seguidores alimenta a memória individual da escritora, como é apontado por Denise Schittine (2004, p. 150) “[...] Estabelecer um diálogo com os leitores é a melhor maneira de se manter vivo em sua memória”.

Segundo a linha de raciocínio de Halbwachs (1990), a memória individual nada mais é do que a observação a partir de um ângulo da memória produzida por um grupo. A visão sobre esta memória da coletividade pode sofrer alterações devido a diversos fatores de ordem social. Desse modo, se o indivíduo se desloca de determinado local para outro, terá um ponto de vista diferenciado sobre dado acontecimento, sem necessitar para isso de elementos psicologizantes que expliquem a posição apresentada. O sociólogo francês argumenta que existem duas maneiras possíveis para organizar as lembranças, uma que leva em consideração o ponto de vista de um sujeito e aquela que considera o enfoque elaborado por uma sociedade.

O sujeito pode fazer parte tanto da memória coletiva quanto da individual. Entretanto, a memória individual pode se confundir com a memória coletiva, embora este fato não possa ocorrer em movimento contrário. A memória pessoal recorre ao conjunto de lembranças já sedimentadas em uma sociedade por diferentes indivíduos, com a finalidade de preencher as brechas na memória com informações esquecidas. Por outro lado, a memória social segue o curso ditado por seus próprios mecanismos. O teórico afirma que a memória pessoal/individual corresponde à memória autobiográfica e que a memória social/ coletiva mantém correspondência com a memória histórica.

Maurice Halbwachs (1990) aponta que a memória é uma fonte de reconhecimento e reconstrução, no sentido em que o indivíduo se reconhece como tal por ser membro ativo de determinada conjuntura social. E por estar inserido neste meio particular, e não em outro, recebe as informações dispostas para todos, entretanto estes dados são constantemente modificados devido a fatores sociais e pessoais complexos. Para Halbwachs (1990, p. 71), “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras

reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”

É ainda o teórico que argumenta a distinção entre a memória vivenciada e a escrita, entre a memória coletiva e a história. A memória coletiva configura-se como a memória viva de determinada sociedade, e por isso, pode ser fixada dentro de determinado contexto, já que ela é “[...] capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 82). Em contrapartida, a memória histórica, por meio da escrita, tende a homogeneizar uma série de eventos conferindo-lhe momentos que são separados cronologicamente de forma bem delineada. Para Halbwachs (1990), existem diferentes memórias coletivas, enquanto a história em diferentes cantos do globo é considerada indivisível, universal.

Em síntese, Halbwachs (1990) percebeu como a memória pode ser estabelecida além do aparato biológico e psíquico. A faculdade da memória não está restrita a uma função corporal ou a um cérebro. Segundo a leitura de José D’Assunção Barros (2009) acerca da obra de Halbwachs, a memória para existir também necessita da dimensão social. A presença em sociedade permite ao homem a capacidade de recordar situações pelas quais passou durante a sua existência. Conforme José D’Assunção Barros (2009, p. 43-44),

[...] A contribuição ímpar do sociólogo francês, em um de seus níveis, estava em perceber que – longe de ser processo que apenas se dá no cérebro humano a partir da atualização de vestígios que foram guardados neurologicamente pelos indivíduos, havia uma dimensão social tanto na Memória Individual como na Memória Coletiva. Isso porque mesmo o indivíduo que se empenha em reconstituir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados. Isso sem considerar o que é ainda mais importante: a memória individual requer como instrumental palavras e ideias, e ambas são produzidas no ambiente social.

A teoria elaborada por Maurice Halbwachs (1990) pode ser transposta para o contexto dos *blogs*. No sentido em que eles se constituem

destas duas fontes de memória, tanto a pessoal como a coletiva. E, se a função da memória no sujeito necessita da dimensão social para se fundamentar, a memória que compõe os *blogs* carece dos recursos tecnológicos disponíveis.

Para Denise Schittine (2004), a memória artificial das novas tecnologias contribuiu para que o indivíduo não exercite a sua memória individual, visto que, com a passagem mais veloz do cotidiano, limita-se a capacidade de apreender os diversos acontecimentos. Com a finalidade de conter o excesso de informações, o indivíduo contemporâneo busca formas para construir sua memória. Conforme Denise Schittine (2004), ao ler Andreas Huyssen (2001), o contexto contemporâneo valoriza o biográfico, restaurando centros urbanos e expandindo os museus pelo mundo. Nota-se, no *blog* em estudo, uma tendência ao biográfico, mesmo que esse biográfico apresente-se abrigado na ficção. Neste sentido, o *blog* como um todo pode ser considerado como um lugar de memória, como os museus, conforme afirma Pierre Nora (1993).

Enquanto o diário em papel fornecia pistas para a manutenção de uma memória pessoal, o ato de lembrar transposto para a tela tornou possível gerar uma memória pessoal na rede, que, com suas atribuições tecnológicas, pode executar o trabalho de lembrar pelos usuários. Denise Schittine (2004, p. 125) explica que, com o surgimento das novas tecnologias, entre elas principalmente o computador o indivíduo passa a ser mais dependente desse aparato. Conforme a autora,

[...] Com isso, a memória como capacidade psíquica vai abandonando a sua maneira tradicional de trabalhar e delegando inúmeras tarefas a uma memória artificial. Se a ajuda do computador, nossa memória pessoal está sujeita ao exercício da lembrança e do esquecimento, se constrói de grandes repousos e eventuais despertares. É subjetiva porque nutre lembranças que nos parecem dispensáveis e esquece aquelas que nos parece mais caras.

A memória artificial preenche os espaços deixados pela memória psíquica. Nesta configuração de memória, o blogueiro pode selecionar a memória arquivada neste instrumento e assim recuperar aquele

acontecimento específico. A quantidade de informações armazenadas é interminável, o que importa é arquivar, tornando a memória pessoal com menor capacidade para memorizar, diferente do movimento encontrado em passado longínquo onde os fatos eram memorizados e apresentados oralmente à população.

### **Considerações finais**

A memória sem limites projetada em um PC trabalha em duas direções: permite arquivar todos os acontecimentos para impedir o avanço do esquecimento, ao passo que limita a capacidade do indivíduo em memorizar. As páginas dos *blogs* abrigam informações tanto às provindas da realidade do mundo inteiro, que pertencem a uma memória coletiva e ao mesmo tempo colaboram para a elaboração da memória individual tanto do escritor quanto do leitor destes textos. Sendo assim, fica evidente para o ponto de vista teórico, como a memória assume nos *blogs* uma nova configuração, visto que se pode discutir em que medida os *blogs* podem ser uma nova forma de arquivar a memória pessoal e a coletiva, principalmente, como dito antes, quando se atrela a esta conjuntura os textos escritos sob a perspectiva de uma autoria feminina.

### **Referências**

ALVES, Lourdes Kaminski; COSTA, José Carlos da. Representações da memória na literatura e na cultura. *Revista Investigações*, Pernambuco, v. 23, n. 1, p. 187-210, jan. 2010.

BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseion*, Canoas/RS, vol. 3, n.5, jan-jul. 2009. Disponível em: [http://www.revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia\\_memoria.pdf](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf). Acesso em: 6 out. 2013.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições vértice. 1990. Disponível em:[http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem\\*c3\\*b3ria+Coletiva+Maurice+Halbwachs,46380547.pdf](http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem*c3*b3ria+Coletiva+Maurice+Halbwachs,46380547.pdf). Acesso em: 24 abr. 2015.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de Histórias Femininas, memórias e experiências. *Cadernos Pagu*. Campinas, vol. 8/9, p. 343-354, 1997.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 110-119.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (Ideias contemporâneas).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso: 27 abr. 2014.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 18, p. 10-18. ago./set. 1989.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido no caminho de Swann-Combray*. Trad. Fernando Py. 1992, vol. 1. Disponível em: <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2012/06/proust-em-busca-do-tempo-perdido-1-no-caminho-de-swann.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2015.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira contemporânea do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SBARAI, Rafael. Facebook alcança marca de 76 milhões de usuários no brasil. *Veja.com*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil/>. Acesso em: 6 jul. 2015.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.-(Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes).

SOARES, Angélica. *Transparências da memória estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

VILMA, Ângela. *Blog: Aeronauta*. Disponível em: <http://wwwaeronauta.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jun. 2011.

VILMA, Ângela. *Currículo Lattes*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4238280T0>. Acesso em: 10 jul. 2015.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.